NOTA PRÉVIA À 2.^a EDIÇÃO

A recepção concedida (pelos meios de comunicação social portugueses, primeiro, pelo meio académico, depois, e pela política – incluindo aí um pedido de autorização da publicação em inglês) à edição dos dois volumes (iniciais) das Obras Completas de Rolão Preto correspondeu inteiramente às duas principais razões que estiveram na base do lançamento da obra em 2015 (identificados no Prefácio escrito na altura).

Relativamente ao meio académico, pode mesmo afirmar-se que foi já bastante minorada a “tripla infelicidade” referida nesse Prefácio, com diversas obras, estrangeiras e portuguesas, a aludirem agora aos “dois ciclos” da obra de Rolão Preto, identificados na Introdução («Rolão Preto: um intérprete do século XX») por mim então escrita.

Foi por isso absolutamente natural que a obra se esgotasse em poucos anos, facto igualmente indiciador de que se mantém o interesse no conhecimento e na divulgação desses textos, o que justifica a presente segunda edição, que preserva o texto e a paginação inicial, com excepção desta Nota Prévia e de duas novas reproduções fotográficas.

Além do apoio recebido da Família de Francisco Rolão Preto, a presente edição contou ainda com o patrocínio da Freguesia da Soalheira.

A todos, bem como às Edições Colibri, exprimo o meu franco agradecimento, como organizador do livro que agora chega de novo às mãos do leitor interessado.

Quinta da Serra, Soalheira, 1 de Dezembro de 2022

José Alberto de Melo Alexandrino

PLANO GERAL

Vol. I

<i>Prefácio</i>	VII
Introdução: <i>Rolão Preto – um intérprete do século XX</i>	XIII
<i>Nota sobre os critérios seguidos na fixação do texto</i>	XXXV
Redempção (1915)	1
A Monarquia é a Restauração da Inteligência (1920)	41
Balizas – Directrizes – Alma! (1932)	141
Para além do Comunismo (1932)	161
Salazar e a sua Época – Comentário às entrevistas do actual chefe do governo com o jornalista António Ferro (1933).....	213
JUSTIÇA! (1936)	231
Revolução Espanhola – homens, factos, ideias (1937)	343
<i>Notas</i>	469

Vol. II

<i>Prefácio</i>	VII
O Fascismo – Artigos ressuscitados de uma antiga polémica (1939)	1
Para além da Guerra (1942)	37
Em Frente! – Discurso pronunciado pelo Dr. Rolão Preto no banquete dos intelectuais nacionalistas (1942)	89
A Traição Burguesa (1945)	101
Tudo pelo Homem, nada contra o Homem (1953)	223
Inquietação (1963)	247
Carta a um republicano (1971)	405
Carta aberta ao Doutor Marcello Caetano (1972)	415
<i>Notas</i>	423

PREFÁCIO

Reúnem-se neste livro as quinze principais obras publicadas em vida por Rolão Preto entre 1915 e 1972, seguindo um critério assente na dupla autonomia, editorial e de conteúdo, de cada um desses títulos.

Outros opúsculos e folhetos, como Teses Apresentadas no IV Congresso das Beiras sobre a Reforma do Estado e a Descentralização Administrativa, Nacional Sindicalismo e Orgânica do Movimento Nacional-Sindicalista (respectivamente, de 1929, de 1932 e de 1933), foram, por aplicação daquele critério, deixados de lado. Por maioria de razão, o mesmo se teria de dizer de textos de discursos, proclamações e conferências, de entrevistas e de estudos insertos em publicações portuguesas e estrangeiras, bem como de centenas de outros textos dispersos por panfletos, jornais e revistas. É isso matéria para outro ou outros eventuais volumes.

Entre as razões que estão na base da presente edição, a primeira é, sem dúvida, a do interesse histórico que reveste a disponibilização do acesso à obra publicada pelo pensador, líder político, jornalista e ensaísta Francisco de Barcelos Rolão Preto (1893-1977).

As condições e as vicissitudes da publicação de muitos desses variados escritos – a começar pelo primeiro [Redenção (ensaio psicológico)], datado de um período em que, na sequência do seu primeiro exílio em 1911, o então jovem integralista se encontrava fora de Portugal, passando por livros prontamente apreendidos pela polícia política do Estado Novo, como sucedeu com a “obra de viragem” de 1936 (Justiça!)¹, e a terminar em títulos tidos por malditos, como A Traição Burguesa (de 1945) – levaram a que o autor de A Monarquia é a Restauração da Inteligência (de 1920), Revolução Espanhola: homens, factos, ideias (de 1937), Para além da guerra (de 1942), Tudo pelo Homem, nada contra o Homem (de 1953) ou Carta aberta ao Doutor Marcello Caetano (de 1972) tenha ficado essencialmente inacessível e desconhecido.

¹ Torre do Tombo, PT-TT-SNI/DSC/19/8 PT-TT-SNI/DSC/19/8.

O problema de fundo agravou-se ainda por via de uma tripla infelicidade que ficou associada à generalidade dos estudos académicos realizados nas últimas décadas do século XX sobre o fascismo em Portugal: (i) a de terem em geral passado ao lado de uma leitura ou, muitas vezes, sequer do conhecimento² dessa obra; (ii) a de se terem centrado – o que é ainda mais evidente na literatura estrangeira – num lote de citações avulsas, com a agravante de serem colhidas de um período muito limitado da intervenção política de Rolão Preto; (iii) e a de, com esses fundamentos, terem aderido em massa aos primeiros rótulos³ que sobre o tema e a personagem se tornaram voz corrente⁴.

A presente publicação permitirá por isso que fique pelo menos facilitada a superação da primeira das apontadas fragilidades desse capítulo da história política contemporânea.

Uma segunda razão prende-se com o interesse histórico subjacente ao conhecimento e à discussão do percurso e do lugar a reconhecer à obra e à personalidade de Rolão Preto, no âmbito do pensamento político português do século XX. A partir de uma visão de conjunto, procurei esboçar alguns desses elementos no estudo introdutório inserido no primeiro volume.

Mas, além destas razões de ordem geral, há uma outra de ordem puramente pessoal e afectiva: quem teve o privilégio de ainda o conhecer e quem teve a oportunidade de, com o tempo, na bela e antiga amizade dos seus filhos e dos seus netos, poder completar um retrato dessa notável e complexa figura da lusitanidade, dificilmente poderia declinar o encargo, livremente assumido, da organização desta edição.

² Não é esse o caso da obra (também nas suas versões inglesa e italiana), a vários títulos marcante, de António Costa Pinto, *Os Camisas Azuis: ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal. 1914-1945*, Lisboa, 1994, que todavia passou ao lado de uma leitura integral desses escritos; para uma reavaliação mais recente, António Costa Pinto, «“Caos e ordem”»: Rolão Preto, Salazar e o apelo carismático no Portugal autoritário», in José Vicente Serrão, Magda de Avelar Pinheiro, Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira (eds.), *Desenvolvimento Económico e Mudança Social – Portugal nos Últimos dois Séculos – Homenagem a Miriam Halpern Pereira*, Lisboa, 2009, pp. 547-562.

³ O facto é, ainda assim, frequente, havendo bons exemplos de rótulos que duram séculos (para um desses exemplos, cfr. Jorge de Sena, «Maquiavel e o Príncipe», in *Maquiavel, Marx e outros estudos*, Lisboa, 1991, pp. 19-46).

⁴ Para uma dupla prova de sentido contrário, e que parece corresponder a uma certa reorientação nos estudos mais recentes, António José de Brito, «Um pseudofascismo: o nacional-sindicalismo português», in *Ensaio de Filosofia do Direito e outros estudos*, Lisboa, 1997, pp. 207-224.

A publicação das Obras Completas de Rolão Preto não seria em todo o caso possível sem o apoio incondicional da sua Família e sem a dedicação demonstrada pelo Joaquim E. Oliveira, na exigente tarefa da fixação, revisão e anotação dos textos.

À Fundação da Casa de Bragança e ao seu ilustre Presidente, o Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, também Decano da minha Faculdade, é devida uma palavra de vivo agradecimento, pelo apoio concedido à presente edição e pela incansável disponibilidade demonstrada para amparar este projecto.

Lisboa, Fevereiro de 2015

José Alberto de Melo Alexandrino

O FASCISMO

ARTIGOS RESSUSCITADOS
DE UMA ANTIGA POLÊMICA

Separata da Revista *Gil Vicente*, vol. XV.

GUIMARÃES

1939

Dezassete anos depois

A resolução de reunir em brochura os artigos de polémica sobre o Fascismo Italiano, que publiquei, antes da «Marcha sobre Roma», no antigo jornal *A Época*, predecessor d'*A Voz*, nasceu das instâncias repetidas de alguns camaradas e amigos que muito aprecio.

Inútil se torna dizer que, por havermos previsto o sucesso de Mussolini e do seu Movimento, nem sombra de vaidade nos perturba.

O lance histórico em que a Itália viu enredados os seus destinos depois da grande guerra só tinha, evidentemente, duas soluções – Bolchevismo ou Nacionalismo.

O sacerdote e jornalista que, sob pseudónimo literário de «Santa Cruz», tentou convencer-nos de que a solução estava no meio-termo, tinha por signo orientador a bandeira do Partido Católico Italiano de Don Sturzo – Partido Popular, assim chamado. O tempo veio sobejamente provar que o meu contraditor estava enganado. Decerto o seu engano tinha todas as atenuantes, pois era, nessa época já longínqua, o erro intelectual da maior parte dos «bem pensantes».

Do Centro Católico aos sectores da Democracia: das *Novidades* ao *Mundo*; dos dirigentes democratas-cristãos aos senhores Velhinho Correia, Vasco Borges e Urbano Rodrigues simbólicos, a opinião que condenava os métodos, fórmulas e gestos do nacionalismo ardente, saído das trincheiras, era por essa altura quase unânime.

Quanto tempo havia ainda de correr, na verdade, para que tantos e tantos desses adversários intransigentes do Fascismo pudessem contemplar, sem sobresalto, entre tão numerosas coisas extraordinárias, o desfilar em plena rua de milícias políticas envergando camisas de combate! É que ao Fascismo ainda não faltava, para o espírito *snob* e utilitarista de muitos, esta simples justificação definitiva: o Triunfo.

Ainda faltavam a Mussolini a «Marcha sobre Roma», a dominação completa da Itália, a dissolução de todos os partidos, incluído o Católico, a reconciliação com o Vaticano, a conquista da Etiópia, as vitórias das suas milícias em Espanha, o eixo Roma-Berlim...

Sim, quanto não tardaria a hora, nesse remoto ano de 22, em que Mussolini, alongando a vista para além do «Mare Nostrum», poderia divisar, sobre a ocidental praia lusitana, democratas-cristãos e ateus perseguidores, ateus e cristãos bem irmanados, erguendo o braço direito (oh! com que timidez ainda...), erguendo enfim o braço direito, romanamente.

*
* *
*

Ora já nesse momento, e contra semelhante opinião por tantos considerada como a melhor, a mais avisada e prudente, o autor destas linhas antevia e proclamava os triunfos do Fascismo e do seu Duce... Porque já, então, e quando ser-se e confessar-se nacionalista significava ocupar uma posição bem incômoda e arriscada, tinha ele a honra de fazer parte da Junta Central do Integralismo Lusitano, sem dúvida a quinta-essência do Nacionalismo Português. Hoje em dia não faltará quem o acoime de bolchevique, é certo, mas esse juízo tem explicação bem clara e insofismável: trata-se apenas da opinião de quantos não conheceram as trincheiras avançadas do Nacionalismo durante as horas ásperas de sacrifício e de luta, por haverem chegado à Política, ao paraíso político, quando ele já só representava benefícios, benesses, bem-aventuranças... Os felizardos!

Outrora, nessas horas amargas do «Bom Combate», éramos poucos, talvez, mas conhecíamos-nos melhor uns aos outros. A fronteira das ideias e das acções surgiu sempre como uma linha límpida, precisa, definida. Ao passo que hoje...

Nos artigos de branda polémica que vão ler-se, claro está que nunca se confundiram as possibilidades do método com as qualidades ou defeitos dos homens que seriam chamados a adoptá-los.

Pelo contrário, a destriça é bem patente.

Do método, criador de energias, orientador de convergências, fonte de espiritualidades emotivas e fortes, anunciamos convictamente as úteis consequências, os indiscutíveis proveitos. Quanto à justiça e acerto com que viria a ser aplicado e quanto ao caminho por onde seguiriam os homens que dele haveriam de servir-se ninguém poderia afirmar-se caucionante. Daí as naturais reservas do autor nesse capítulo. Que o método era bom, atestam-no os resultados obtidos: Mussolini conseguiu realizar com ele este prodígio – dar uma alma nova à Itália; Hitler reforjou para o III Reich a espada de Siegfried; ambos dilataram os seus impérios e quase extinguíram neles o desemprego, a miséria e a crise.

*
* *
*

Problema de primeira grandeza, problema-base, que tem de resolver todo o homem público que se abalança a reerguer uma Nação – criar-lhe uma alma, refazer-lhe a unidade espiritual. Finanças, economia, defesa nacional, ensino, tudo deverá ser realizado em função do ressurgimento do Espírito, sob pena, se o não for, de tudo resultar estéril e precário.

Que dizer então da inquietação de grandeza, do alvoroço interior de um povo que procura reencontrar o caminho da sua vocação histórica?

Foi aqui que Mussolini viu claro e viu seguro.

Todas as possibilidades do método Fascista foram postas, desde o início, ao serviço da exaltação da alma colectiva italiana, sacudindo-a do seu marasmo, acordando-a do seu torpor secular, dando asas e vida ao sonho obscuro de que a Raça Latina – a nossa Raça – foi sempre portadora sagrada.

Ilusão? Quimera?

A origem de todas as grandes transformações históricas é sempre um acto de fé, um largo sopro de poesia. A imaginação é mãe fecunda e inesgotável de dinamismos... Assim não são as realidades, não é o condicionalismo das realidades que arrasta e conduz os homens quando eles querem dar um passo em frente – é o seu anseio! E por isso o Duce dá por base ao império este clamor que enche de vibrações heróicas a História: Roma!

Dinamizar, exaltar, erguer em torno de uma ideia suprema, de projecção magnífica, o feixe de vontades que se agitam no seio de um Povo e constituem a sua *elite* activa, a sua intrínseca razão de ser; seduzir, empolgar, conduzir, enfim, toda a Nação, criando uma alta finalidade às suas esperanças, uma compensação gloriosa aos seus sacrifícios, uma satisfação resgatadora à sua marcha – eis o método fascista, o verdadeiro método fascista, como o concebeu e o praticou Mussolini.

Os aspectos duros da indispensável disciplina, os métodos amargos da renúncia individual, as inquietações angustiosas do caminho imprevisito – tudo poderá destarte ser vencido com entusiasmo, dominado com alegria pelo contínuo milagre, surto dessa força prodigiosa e sem limites – a Mística.

Sob o impulso magnético da Mística não há obra a que se abalancem os homens que se não realize, ainda que tenham de verter, gota a gota, o seu sangue ou hajam de esmagar dentro do peito o seu inquieto coração.

*
* *
*

Mussolini afirmou: «Os Homens só se levam pelo entusiasmo ou pelo interesse.» No exemplo italiano, a corda sensível – é bem evidente – foi apenas o coração. Quando as angústias da Nação são mais gritantes, quando os sacrifícios parecem tornar-se mais duros, eis o Duce que surge na praça pública, face à turba, iluminado e forte, a proclamar a sua fé nos destinos eternos de Roma, a anunciar a glória que um dia cobrirá de bênçãos os que souberem sacrificar-se para a bem merecer... E o Povo escuta fremente, alvoroçado, na comunhão do grande sonho que a fé indomável do Chefe quase torna visível, palpável, real e vivo na sua imponência sem limites. O Povo escuta, bebendo uma a uma essas palavras que *interpretam* a sua própria esperança, e vai dali convencido do alto valor do holocausto e da coragem com que deve enfrentá-lo, para ser digno de si mesmo, digno de ser soldado e artífice do Império Novo – da Roma Antiga refundada. No sonho colectivo italiano o Duce é a realidade segura, a flama erecta que a todos abrasa e arrebatava para a glória ou para a morte, que é a glória máxima.

Mussolini compreendeu que, para fazer-se uma Revolução é indispensável amarem-se as ideias que a impulsionam... Amar, isto é, fazer dom total de si próprio ao ideal que lhe enche o espírito. Mussolini não podia, para vir a ser Mussolini, ter apenas uma simples alma de burocrata... Por isso teve a alma de um apóstolo.

*
* * *

Assim o método fascista, sob o ponto de vista da realização imperial italiana, deu pleno resultado. Com as diferenças de interpretação que lhe trouxe o temperamento alemão, pode afirmar-se que o referido método, tal como Hitler o adoptou e pratica, fere, por sua vez, as mesmas teclas, inspira-se nos mesmos motivos: acção.

Hitler, à semelhança de Mussolini, começou por dar uma nova alma ao seu povo e, como o Duce italiano, é na exaltação e no orgulho dessa alma colectiva que ele fundamenta todas as possibilidades de realizar a dura marcha do seu destino, para bem ou para mal.

Em nome de um grande sonho podem fazer-se grandes sacrifícios e alcançarem-se grandes vitórias...

Pode, no entanto, o método fascista ter também, por vezes, aplicações diferentes.

O caso Schuschnigg⁽¹⁾ é um exemplo típico:

– O Fascismo, à maneira do antigo chanceler austríaco, é como que o aplicar, tão-somente, do sistema a sua parte negativa – a parte coerciva, esmagadora, paralisante. É um Estado que pretende ser forte e vive em permanente desconfiança, evidente signo de fraqueza; um Estado rico que reduz o país a uma condição miserável; um Estado que não polariza, mas dispersa, que não exalta, mas esmaga.

Nacionalismo fechado, cidadela restrita, onde só entra quem a «serve» e não quem «colabora», crivo estreito que nega passagem ao entusiasmo, à espontaneidade, à febre criadora, para só acolher e admitir os «prudentes, os calculistas, os que sempre abdicam da sua personalidade em proveito do seu interesse material». Tal foi o Nacionalismo à maneira de Schuschnigg. O insuspeito jornalista francês Bertrand de Jouvenel⁽²⁾, testemunha presencial e clarividente dos últimos dias da Áustria, mostra-nos bem, nas suas crónicas para o *Gringoire*⁽³⁾, as trágicas consequências desse método fascista deturpado, dessa caricatura de fascismo, deplorável e odiosa.

Um momento houve em que, para interessar a opinião pública das potências estrangeiras, teria sido indispensável «qu'une grosse émotion populaire se manifesta...» Mas como apelar para a alma das multidões austríacas se a pobre Áustria há muito que já não tinha alma!

«La chose, à la vérité, était difficile. Car Dollfuss, puis Schuschnigg ont durant cinq ans détruit systématiquement tout ce que pouvait être un foyer d'opposition.»

Existira outrora uma força nacionalista ardente e heróica, os «Heimwehren». Mas: «L'organisation para-militaire des "Heimwehren", dans laquelle s'incarnait le nationalisme autrichien et sur laquelle s'appuyèrent sucessivement Dollfuss, puis Schuschnigg, ne trouve pas grâce à leurs yeux: c'est Dollfuss qui noya cette troupe ardente dans le grand rassemblement amorphe qu'il intitulait "Front Patriotique"»...

«Il ne restait plus en Autriche que le "Front Patriotique", immense organisme sans vie propre. Il semble qu'on ait voulu, à Vienne, appuyer le gouvernement sur un "parti national", comme est en Italie le Parti Fasciste et en Allemagne le Parti National-Socialiste, mais *sans comprendre que le rôle du "parti unique" est de pomper dans la masse du peuple les individualités énergiques et de faire monter de la base au sommet un flux continuel d'impatiences.*»

«En Autriche les chefs régionaux du parti unique *ont été des préfets endormeurs, de sorte que le Front Patriotique n'a été qu'un grand éteignoir.*»

Assim, perdida a sua alma, apagado o seu entusiasmo criador, estava o povo austríaco maduro para todos os jugos e Schuschnigg tinha marcado o seu triste destino... nos cárceres de um presídio alemão.

*
* * *

O erro Dollfuss-Schuschnigg consistiu, sobretudo, nesta contradição-base: criar uma organização fascista de que o Chefe se encontrava, por temperamento, educação e espírito exclusivamente católico, ausente e divorciado.

De que serviriam, na verdade, o «partido único», as milícias armadas, as organizações de juventude, as formações corporativas, etc., se a tudo faltava a alma ardente do Chefe, sinceramente crente no sistema, foco inesgotável de entusiasmo e de fé?

A Revolução só se faz com revolucionários, o Fascismo só tem sido realizado por fascistas. Schuschnigg, frio, calculista, sombra melancólica entre as sombras soturnas do Hofburg⁽⁴⁾, desconfiado por temperamento e pela lição dos homens, que ele só vê moverem-se em sua volta levados por vis interesses, céptico perante as ideias de que se serve, mas que sinceramente não serve – o pobre Schuschnigg era bem a perfeita negação, a negação total de um chefe fascista.

O chefe fascista deve ser e tem que ser, no pensamento do Duce, não só o fulcro orientador em torno do qual gira toda a actividade nacional, como, e principalmente, deve revelar-se e mostrar-se centro motor onde nasça, se multiplique e se expanda toda a dinâmica do sistema.

O chefe fascista tem sempre uma posição de vanguarda, indicando caminhos novos de acção, ocupando vontades, exaltando brios, criando permanentes motivos de esperança...

Toda a dificuldade está aí. O seu lugar não poderá nunca ser *atrás, marchando* porque o puxam, *vendo* porque lho mostram, *acreditando* porque os outros o levam a crer.

Um chefe fascista tem que inspirar os seus gestos e as suas palavras neste lema vigoroso: imaginação e audácia.

Tudo o mais é perder tempo e atraiçoar, voluntariamente ou involuntariamente, os métodos da realização fascista. A lição austríaca traz-nos estes claros ensinamentos. Dollfuss e Schuschnigg não conseguiram fundar um sistema fascista na Áustria, criaram apenas um sucedâneo, um «ersatz», como se diz na sua língua. Sucédâneo nas milícias, sucedâneo nas corporações, sucedâneo nas organizações da juventude, sucedâneo nas ideias e nas realizações. Impossibilitados de criar motivos de acção para o presente e para o futuro, tentaram então levantar os espíritos dando-lhes, por impulso, os exemplos petrificados da glória passada. Fantasmas rodeando um túmulo, sob a diferença glacial de um povo miserável, tal era a Áustria de Schuschnigg... As gerações novas é bem verdade que acreditam na História, mas só com a condição de elas próprias continuarem escrevendo-lhe páginas triunfais.

*
* *

Aqueles que tentarem criar e fundar uma situação de tipo fascista quando eles mesmos o não sejam, colocam-se inevitavelmente perante este dilema sem discussão: ou o sistema não ganha alma e tudo acaba por cair, arrastando na derrocada o país a que se tiraram todas as possibilidades de reacção vital; ou então – paradoxo milagroso – o sistema consegue manter-se, por sua íntima virtude, gerando clima e exaltação mística a despeito dos seus pálidos dirigentes, e, nesse caso, a onda de fundo que cedo ou tarde se há-de erguer, galgando as costas, passará por cima destes num grande e forte arranco, numa enxurrada inexorável e fatal.

*
* *

Os últimos acontecimentos desenrolados na Áustria, no momento da sua absorção pela Alemanha, sugerem ainda reflexões de outra ordem, em relação, por exemplo, com as contradições e confusões dos termos presentes. Vejamos:

A substituição do pseudofascismo católico Dollfuss-Schuschnigg pelo fascismo hitleriano é motivo, com efeito, para que se erga em certos sectores um vasto clamor de indignação. A prisão do antigo Chanceler e dos mais íntimos colaboradores, o encerramento, pela força, dos centros políticos do célebre partido único – «Frente Patriótica» –, a liquidação da imprensa adversa ao Nacional-Socialismo, etc., eis outras tantas razões de clamor e protesto por parte dos referidos sectores. Todavia, essas violências, que o são, na verdade, bem duras e amargas violências, em que diferem, afinal, daquelas outras com que Dollfuss e Schuschnigg edificaram e mantiveram o seu Poder?

Aos nacionais-socialistas, aos sociais-democratas, a todas as tendências de opinião que se não subordinaram, total e absolutamente, ao critério particular dos dois antigos chanceleres, não lhes faltaram também perseguições, nem arbitrariedades, todas as vezes que ousaram formular as suas reivindicações políticas.

Assim, foram-lhes encerrados os «centros» e coarctada toda a liberdade de reunião; a sua imprensa viu-se amordaçada e mesmo por completo suprimida; postos à mercê de um poder tirânico que os agrediu sem descanso e os reprimiu sem piedade.

Ora, por essa altura, os sectores que hoje tanto se exaltam contra o despotismo nacional-socialista permaneciam como que surdos ou, quando interrompiam esse silêncio tacitamente probador, era apenas para erguer louvores à chamada «paz austríaca», à «ordem austríaca», apontando-se o seu regime e os seus chefes como altos exemplos à meditação da catolicidade e do mundo...

É bem certo que então quem sofria não eram os corifeus do católico Schuschnigg, mas sim os seus adversários! No entanto, se os direitos da Pessoa Humana são sagrados, católicos ou ateus que os inimigos do Chanceler fossem, a sua situação deveria merecer – supomos – a mesma indignada repulsa que hoje se manifesta em face da dolorosa posição que os tempos trouxeram a Schuschnigg e aos seus amigos.

Tal não sucedeu, porém... Cristãos esqueceram-se da palavra divina: «Não faças a outrem o que não queres que te façam a ti.»

Mas a justiça de Deus não dorme e os instrumentos de que ela se serve, se escapam muitas vezes à previsão dos homens, nem por isso deixam de ser seguros e inexoráveis no castigo.

*
* *
*

Eis, pois, decorridos dezassete longos anos desde a data remota em que, graças aos artigos hoje pela primeira vez reeditados, foi anunciada na imprensa portuguesa a criação e a marcha avassaladora do Fascismo.

Muita água correu debaixo das pontes, como dizem os franceses; muita coisa de transcendental importância veio modificar a face da Europa e do Mundo.

Tanto, senão mais do que a Revolução Russa, a Revolução Italiana contribuiu para as grandes transformações do nosso tempo.

O autor destas linhas tinha, portanto, razão quando, às erróneas previsões do seu contraditor, que afirmavam a liquidação do Fascismo antes da sua Marcha sobre Roma, respondia, com segurança e convicção: o Fascismo «farà da se»... E fez...

Pode objectar-se que as maravilhosas realizações que o Fascismo conseguiu na Itália se não apresentam, em outros países desta época, sob o mesmo signo e a mesma projecção histórica.

Mussolini logo afirmou: «O Fascismo não é um produto de exportação». Significa isto que os seus métodos, ou melhor, o seu método só pode assegurar sucessos dentro das condições e servido pelos factores que na Itália Nova lhe orienta a aplicação. E assim a culpa dos desastres ou da insignificância de certos resultados, que se apontam – e com razão – a algumas tentativas de fascismo noutros países, nada provam que estejam no método fascista, em si mesmo, mas porventura na natureza dos factores que intervieram na experiência, nas circunstâncias em que se realizou.

Entre um Mussolini e um Schuschnigg – permitimo-nos insistir – existem todas as diferenças decisivas de temperamento e de clarividência que vão de um *condottiere* inflamador de massas, exaltador de multidões, a um triste «apagador de almas», a um mísero «carcereiro de espíritos».

Daí a radicalíssima diversidade, tanto na interpretação como nas realizações, de sistemas aparentemente idênticos na Itália e na Áustria. Influem também, é certo, razões de ordem étnica – ser-se germânico não é ser-se latino. Entretanto, na experiência do Führer como na do Duce, existem elementos decisivos que são a ambos comuns. O factor comando único, o factor Chefe, em primeiro lugar.

Mussolini e Hitler realizaram com o método fascista tudo [o] que empreenderam porque conseguiram ser autênticos chefes dos seus povos respectivos. Isto é, Duce e Führer foram os intérpretes perfeitos de determinados sentimentos, com raízes no fundo obscuro de certas massas populares.

A mística fascista, tanto na Itália como na Alemanha, logrou atingir proporções tais nos seus efeitos enquadrantes, que se mostra capaz de mais facilmente arrastar a Nação para qualquer caminho difícil do que a própria mística comunista, cujo poderoso impulso é todavia bem conhecido.

*
* *

Por ser sempre no íntimo de sua consciência que Mussolini e Hitler têm de saber interpretar certos profundos sentimentos e anseios populares, exaltando-lhes a virulência ou moderando-lhes os excessos, é que eles ousam proclamar-se, por vezes, chefes indiscutíveis das mais puras «democracias» do mundo.

Na verdade, além de faculdades especiais, como a força psíquica própria do seu temperamento criador, de onde lhes provém o extraordinário poder de condutores de povos senão do contacto, permanente, com certas aspirações do seu país?

Em suas virtudes como em seus defeitos, são estes Chefes o espelho nítido onde se reflecte a alma popular. São, com o diz alguém, «a sua personificação, a sua projecção humana e visível»!

*
* *

Erguido à culminância de supremo árbitro dos destinos do povo italiano, Mussolini, não obstante, permaneceu sempre, intrínseca e profundamente, um popular.

Em sua linguagem não surgem nunca os geometrismos rigorosos de certo intelectualismo pedante, os resquícios livrescos, os pensamentos nados-mortos, filhos de um artificialismo frio de meditação de gabinete, sem qualquer seiva, sem qualquer flama, sem qualquer vida...

As suas palavras brotam antes espontâneas e bem claras, corajosas, sempre totalmente sinceras. Ouvir Mussolini não é deixar-se adormecer o espírito ao sabor de fórmulas feitas, de ladainhas de «bom senso» com as quais jamais se constrói nada de grandioso, perante as quais abdica a confiança, que em nós desperta o nosso próprio sonho.

Não. Escutar o Duce é, pelo contrário, comungar na sua íntima exaltação, inflamar-se na chama do seu entusiasmo, tomar consciência da utilidade do esforço individual na ação comum, na vasta obra em que todos colaboram, em que todos colaboram *ardentemente*.

É que Mussolini, proclamado Duce do Fascismo, nunca deixou de ser italiano em toda a acepção do vocábulo: alegria, despreocupação, audácia, espírito aventureiro, gesto de teatro, espanto imperial, tudo [o] que é pertença desse povo admirável, que sente correr-lhe nas veias, com o sangue latino, a arte e a cultura de espirituais séculos de ouro; que enche orgulhosamente o peito das fortes brisas heróicas que sopram no velho Mediterrâneo, levando consigo, para todo o sempre, como uma auréola, os clamores triunfais da Roma eterna e lendária.

*
* *
*

Para onde vai agora o Fascismo?

Volvidos dezassete anos de ressurreição e inovações máximas, a interrogação deixou de ser simplesmente italiana para interessar o Mundo inteiro, o que bem atesta a glória do caminho andado...

No plano de justiça social e de restauração da Personalidade Humana saberá o Fascismo evoluir também e ultrapassar-se, realizando um novo tipo de homem forte, mais justo, porém, e mais livre?

Saberá o Fascismo não se esquecer de que o seu destino dependerá, sobretudo, das *élites* que conseguir formar e que a mais alta das aristocracias é sempre aquela que realiza a mais alta independência de Pensamento?

E, por outro lado, no campo das realizações imperiais, como e até onde ousará alargar seus voos dominadores a nova águia romana, já hoje tão insaciável de orgulho e predomínio?

Até que ponto Mussolini continuará, como sempre o tem feito, a conservar-se surdo, indiferente às mil solicitações de uma deificação perturbadora, para

melhor poder escutar, com clareza e verdade, os votos de ansioso apelo que, do fundo da História e do condicionalismo das realidades presentes, sobem até ele a fim de que se mantenha fiel à vocação do seu destino – instrumento humano ao serviço da eterna Providência, incognoscível e fatal?

Ninguém sabe profetizá-lo...

E, entretanto, nos países sem alma e sem fé – países internamente agónicos e externamente cativos – com que inquietação, com que insofrida, dolorosa ansiedade se não procura desvendar o mistério?

Uma coisa, porém, é certa, bem certa: hoje, como há dezassete anos, ante o espectáculo assombroso da energia do Duce, sempre revigorada e renovada, de alto dinamismo revolucionário e de vontade criadora com que se não cansa de realizar, dia a dia, as mais vivas esperanças do povo italiano, poderá de novo dizer-se, afirmar-se, garantir-se – e agora sem que os cépticos ousem contradizer-nos – o Fascismo *«farà da se»*...

ROLÃO PRETO